

FAVERI, JOSÉ ERNESTO. ÁLVARO VIEIRA PINTO - CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE PAULO FREIRE. 1. ED. SÃO PAULO: LIBERARS, 2014

ADRIANO MOREIRA DE OLIVEIRA¹
JOSÉ MARCOS MENEZES SANTOS²

Embora a Filosofia e a Educação tenham sido, inicialmente, consideradas como um processo intrínseco e, em muitas ocasiões, tomados como sinônimos, na modernidade houve uma ruptura muito grande entre essas duas áreas. A Educação se encarregou de ensinar técnicas e conhecimentos, enquanto a Filosofia se refugiou em portos seguros e em torres de marfins da abstração e das teorias desconectadas da realidade. Por isso, segundo, Faveri (2014, 9.143) uma das questões centrais do pensamento de Vieira Pinto é: “como superar a consciência ingênua do pesquisador e a alienação dos processos de pesquisa científica?”. Faveri salienta também que, na modernidade, o saber (*sophrosyne*) foi reduzido ao conhecimento (*episteme*) enquanto domínio das técnicas e das ciências, e a educação como formadora da personalidade e do caráter do homem, foi reduzida a técnicas de ajustamento e de controle social, o que pode ser constatado a partir das denúncias proféticas de Paulo Freire em obras como *A Educação como prática da liberdade* (1967), *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1981), *Medo e ousadia* (1986) e *Pedagogia: diálogo e conflito* (1995), escrita em parceria com Moacir Gadotti. Obras que extrapolam os famosos livros que permeiam os cursos de graduação em Pedagogia, como a *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia da indignação*, mas que não constituem o núcleo filosófico e ético do filósofo brasileiro.

Nessa perspectiva, José Ernesto Faveri, na obra *Álvaro Vieira Pinto - Contribuições à educação libertadora de Paulo Freire*, prefaciada de forma breve, porém valorosa, por Dermeval Saviani, procura resgatar e registrar as contribuições de Álvaro Vieira Pinto e de Paulo Freire nas áreas de educação, ética,

1 Graduando em Física pela UESB. Bolsista PIBID-Filosofia-FAPESB. E-mail: amdfisica@gmail.com

2 Graduando em Filosofia pela UESB. Bolsista PIBID-Filosofia-FAPESB. E-mail: marckosmenezes@hotmail.com

pedagogia, política, antropologia e as divergências existentes entre os pensamentos de ambos. A referida obra está dividida em cinco capítulos: o primeiro apresenta o contexto histórico brasileiro entre 1945-1985; o segundo é intitulado a origem e a breve história do ISEB; o terceiro apresenta a “bibliografia” de Álvaro Vieira Pinto (grifos do autor); o quarto aborda as categorias Epistêmico-antropológicas como pressupostos da educação nacionalista libertadora; e o quinto estabelece o embate e o debate entre Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire, destacando suas contribuições à educação libertadora. Ao final da obra, o autor externa algumas considerações finais sobre o tema tratado.

O interesse de Faveri por esses pensadores brasileiros remonta há época do seu mestrado, no qual já relacionava ou associava a tônica do *senhor* e do *escravo*, desenvolvida por Hegel, com a relação entre *opressor* e *oprimido*, abordado por Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*. Faveri assevera que os subsídios de Vieira Pinto a Freire são vários, sobretudo na perspectiva de uma educação engajada e em movimento, sendo que o mais importante e que consta em cada página dos escritos de Freire consiste na afirmação de que a contradição histórica “fundamental a ser superada é o colonialismo econômico oriundo do imperialismo externo” (FAVERI, 2014, p. 87). Esta é a grande contribuição que a leitura de Faveri propicia ao leitor, que Vieira Pinto contribuiu decisivamente “por ter produzido um dos maiores intelectuais no campo da educação: Paulo Freire” (FAVERI, 2014, p. 105), isto é, Freire foi fortemente influenciado pela filosofia de Vieira Pinto e essa questão pedagogicamente é importante, pois nenhum intelectual começa do zero, o que é ético e educativo é o reconhecimento da fonte de onde foi influenciado. Dessa forma, a contribuição de Vieira Pinto a Freire remonta na própria formação intelectual de Freire e isso não é pouca coisa. A tese levantada por Faveri nessa obra, e que conduz o diálogo entre Freire e Vieira Pinto, remonta à própria estrutura de uma das obras mais estudadas e traduzidas no mundo do filósofo e pedagogo pernambucano, a *Pedagogia do Oprimido*. Segundo Faveri sua “hipótese foi que Álvaro Vieira Pinto foi para a *Pedagogia do Oprimido* mais do que uma referência. Foi, sim, o fundamento básico da metodologia de ensino, ali presente, com suas bases antropológicas, filosóficas e epistemológicas ali ensinadas” (FAVERI, 2014, p. 222).

De acordo com Favéri, para Vieira Pinto, assim como para Paulo Freire, a tarefa da educação consiste em definir com clareza qual tipo de homem se quer formar e para viver em qual contexto sócio-econômico-cultural se pretende formá-lo. Para os dois pensadores, a educação é eminentemente um ato político. As categorias tão caras aos estudiosos freireanos, como consciência ingênua, consciência integradora e consciência libertadora já estão presentes na obra de Vieira Pinto e são apresentadas por Freire como condição de se efetuar a passagem do analfabetismo político à alfabetização e à leitura crítica, engajada e transformadora do mundo. Nesse sentido, é evidente que todos os esforços devem ser concentrados na criação de uma nova mentalidade para os oprimidos para que eles possam assumir o papel de sujeitos condutores de uma nova história. A atualidade dos postulados desses dois pensadores é contemplada e contextualizada na obra de Favéri, a qual a Editora LiberArs teve a felicidade de publicar, oferecendo ao leitor cerca de 260 páginas dedicadas a cada um dos brasileiros e dos latino-americanos que pensam a educação como tarefa e como processo de construção de novos pilares que edificarão um estado mais justo e que a dignidade humana não seja contemplada apenas nos papéis e nas declarações oficiais do Estado.

A partir da análise que Favéri empreende acerca de Vieira Pinto, ele constata que a base para se conceber uma ética para a criação científica consiste “na definição e realização das finalidades sociais da ciência, responsáveis pelo destino dos resultados do trabalho de investigação científica do pesquisador. A finalidade da ciência não pode ser examinada destacando-a da dimensão social” (FAVERI, 2014, p. 143). É por abordar as contradições e os conflitos entre o discurso científico e a prática, entre a ideologia e a realidade efetiva, entre a realidade representada em conceitos e teorias e a realidade com seus matizes de sangue, suor, sofrimento, mas também com esperança e luta, com tamanha coerência que essa obra precisa ser estudada com maior atenção por professores, acadêmicos e por pesquisadores que teimam em construir teorias e especulações sem nenhum compromisso ou contato com a realidade, sendo essas pesquisas muito mais para satisfação do próprio ego e para alimentar complexos de inferioridade mal resolvidos, do que propriamente para colocar-se e comprometer-

se com o coletivo, com o social, com a comunidade, razão de ser da própria universidade que financia e possibilita a maior parte das pesquisas no Brasil.

É por isso que, em sua obra, Faveri afirma que a primeira dimensão a ser considerada nos processos formativos do pesquisador é o compromisso político com a sociedade a que pertence quando realiza o seu trabalho intelectual (2014, p. 145). Enquanto escrevemos essa resenha, estamos vivendo um momento crucial nos destinos brasileiros: a escolha de quem vai governar o Brasil nos próximos quatro anos. E, ao aprofundar a leitura pela terceira vez para apresentar uma resenha que seja aceitável aos olhos críticos do leitor e a seriedade do coordenador do PIBID Filosofia da UESB, deparamo-nos com a questão que precisaríamos discutir em todos os espaços da UESB e de cada universidade brasileira: “qual a função da consciência crítica do pesquisador num processo de pesquisa comprometido com o desenvolvimento humano e social?” (FAVERI, 2014, p. 146). Sobre essa questão, Paulo Freire, na obra *Educação como prática da liberdade* (1967, p. 92) afirma: “Na verdade, se há saber que só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático”. O saber democrático do pesquisador honesto e comprometido com a realidade e com aquilo que ele constrói e vivencia é mais importante do que o próprio reconhecimento ou honras ao mérito consiste, segundo Faveri, na “formação autêntica de si, o que implica adquirir uma clara noção da sua realidade existencial. Isto é, saber o que pensa, por que age, de que maneira age, e em função de que valores subjetivos empreende suas ações sobre o real. Essa é a dimensão ética da pesquisa científica de base existencial e de caráter nacional” (FAVERI, 2014, p. 147).

Ao leitor professor e ao leitor estudante, esta resenha deixa duas citações de Álvaro Vieira Pinto que, por si só, dizem mais do que páginas de comentários e convidam a um vertiginoso exame de consciência, sobretudo em nossos espaços mais próximos, em nossas salas de aula. Vieira Pinto, ao caracterizar a esquerda professoral, afirma:

O frustrado; o ressentido; o brigado com o diretor; o tipo vulgarmente conhecido como ‘espírito de porco’; o indeciso, que no momento e sem motivo definido volta num colega de ‘esquerda’; o que se declara homem de ‘esquerda’ da boca para fora, o bajulador de aluno; o populista, o ‘revoltado com o atual estado de coisas’; o preguiçoso, o

retardatário, o faltoso, que racionaliza a sua posição pela crítica à universidade, e finalmente, o homem de esquerda, ideologicamente autêntico” (PINTO *apud* FAVERI, 2014, p. 226)

Quanto aos estudantes, ele defende que, em um país como o nosso, com tantas contradições e com tantas desigualdades, os estudantes tenham duas tarefas:

[...] a primeira, estudar o mais que puder, a fim de adquirir conhecimentos indispensáveis ao trabalho futuro; a segunda, garantir as condições de adequado exercício desse trabalho, quando vier a inicia-lo. Esta última é que toma objetivamente a forma de luta política, a qual fica, assim, entendida, como parte normal dos deveres dos estudantes, durante sua passagem pelas faculdades. (PINTO *apud* FAVERI, 2014, p. 226)

Por todas as reflexões que oferece ao leitor a obra de Faveri é de grande pertinência e relevância para nós, brasileiros. Para nós que pensamos uma educação capaz de romper com a concepção de educação à serviço do neoliberalismo e comprometida com o ajustamento e o controle social. A obra em questão é de extrema atualidade e, é preciso mantê-la como uma das obras fundamentais no exercício crítico e maduro da educação e do educando-educador. De um lado, Faveri, Saviani, Vieira Pinto apontam nas linhas e nas entrelinhas da obra para a superação da cristalização do método Paulo Freire e para o perigo dos modismos, das leituras falsas, ideológicas e muito facilitadoras, feitas Brasil afora, sobre o método Paulo Freire. Infelizmente, conforme aponta Faveri, a maioria dos professores têm uma consciência pouco preparada para trabalharem criticamente, pois, “ainda que precariamente formada em nosso país, considera-se letrada e crítica, o que aumenta sua imersão na consciência ingênua” (2014, p. 231). Isso dificulta, e muito, o processo libertador e transformador, porque as mentalidades, especialmente as que são as responsáveis por “formar” novas mentalidades, a maioria dos doutores dos cursos de Licenciatura são também possuidores dessas mentalidades ingênuas e que não reconhecem as verdadeiras dificuldades, os verdadeiros obstáculos reais e concretos. Então, como afiança Faveri, “o processo escolarizador, além de vigiar e julgar, reitera a sociedade de representação, prestando um desserviço à atitude cética e crítica. (FAVERI, 2014, 237). E, para finalizar essa resenha, vale dizer que Faveri, apoiado em Freire e em Vieira Pinto,

está problematizando uma questão a qual cada leitor deverá responder e posicionar-se, a saber: “[...] cada vez que um país como o Brasil eleva suas taxas de alfabetização, ingressos na universidade, frequência à escola etc., nada indica que o povo está sendo educado, mas sim que ele está sendo obrigado a permanecer na escola” (p. 237).